

A PRODUÇÃO DE UM ROTEIRO DE PODCAST DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: ANÁLISE DE PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO

*THE PRODUCTION OF A SCIENTIFIC DISSEMINATION PODCAST SCRIPT:
ANALYSIS OF RETEXTUALIZATION PROCESSES*

*LA PRODUCCIÓN DE UN GUIÓN DE PODCAST DE DIFUSIÓN CIENTÍFICA:
ANÁLISIS DE PROCESOS DE RETEXTUALIZACIÓN*

Eliana Merlin Deganutti de Barros¹
Ágata Carlyne Silva²
Vera Lúcia Lopes Cristovão³

Resumo: Este trabalho se insere no macroprojeto interinstitucional Laboratório de Letramentos Acadêmico-Científicos (LILA), um projeto que integra ensino, extensão e pesquisa, cujo propósito é desenvolver ações integradas em prol dos letramentos acadêmico-científicos. Uma das suas vertentes é a divulgação científica, entendida como uma ferramenta difusora de saberes produzidos pela ciência, para um grande público, heterogêneo e leigo, democratizando, assim, o acesso a conhecimentos científicos. Para este trabalho, selecionamos uma pesquisa da área da Linguística Aplicada para ser retextualizada em um roteiro de episódio de *podcast* para o *Colmeia Linguística*, canal de divulgação científica do LILA, denominado, na pesquisa, de roteiro de episódio de conteúdo reaproveitado para *podcast* de divulgação científica (RotDC). O objetivo é depreender processos mobilizados na retextualização da dissertação selecionada para o RotDC, evidenciando estratégias e operações linguísticas, discursivas e enunciativas realizadas na (re)configuração de um texto escrito formal (dissertação de mestrado) para um texto escrito para ser oralizado, de caráter mais informal (RotDC). Metodologicamente, o projeto se orienta pelos preceitos da pesquisa qualitativa, do tipo participante e documental. Como *corpus* são analisados: 1) a dissertação de mestrado de Oliveira (2023); 2) a produção do RotDC “O internetês e seu impacto na escrita de estudantes”, elaborado com base no modelo teórico elaborado por Braz e Cristovão (2023). A fundamentação teórica ancora-se nos estudos sobre divulgação científica e retextualização, na noção de letramentos acadêmico-científicos e de gêneros textuais do Interacionismo Sociodiscursivo. Os resultados da pesquisa mostram a diversidade de estratégias e operações envolvidas no processo de retextualização e sua complexidade do ponto de vista enunciativo.

Palavras-chave: Retextualização. Divulgação científica. Episódios de *podcasts*. Colmeia Linguística. Letramentos.

Abstract: This work is part of the interinstitutional macroproject Laboratory of Academic and Scientific Literacies (LILA), an initiative that integrates teaching, outreach, and research, aimed at

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UEL). Professora associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). elianamerlin@uenp.edu.br / <https://orcid.org/0000-0001-9241-9375>

² Licencianda do curso de Letras Português/Inglês da UENP. Bolsista de iniciação científica do CNPq. agata.carolyne.silva@gmail.com / <https://orcid.org/0009-0002-5540-5278>

³ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP), com período sanduíche na Universidade de Genebra/Suíça. Professora sênior do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UEL). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. cristova@uel.br / <https://orcid.org/0009-0005-9112-9225>

developing integrated actions to promote academic and scientific literacies. One of its branches is scientific dissemination, understood as a tool for spreading knowledge produced by science to a broad, heterogeneous, and lay audience, thereby democratizing access to scientific knowledge. For this study, we selected a research project in the field of Applied Linguistics to be retextualized into a podcast episode script for Colmeia Linguística, LILA's scientific dissemination channel. In the research, this is referred to as a “reused content episode script for a scientific dissemination podcast” (RotDC). The objective is to identify the processes involved in the retextualization of the selected dissertation into a RotDC, highlighting linguistic, discursive, and enunciative strategies and operations carried out in the (re)configuration of a formal written text (master's dissertation) into a written text designed to be spoken aloud in a more informal tone (RotDC). Methodologically, the project follows the principles of qualitative research, of a participatory and documentary nature. The corpus consists of: (1) Oliveira's (2023) master's dissertation; and (2) the production of the RotDC “Internetês and its Impact on Students' Writing,” developed based on the theoretical model proposed by Braz and Cristovão (2023). The theoretical framework is based on studies on scientific dissemination and retextualization, as well as on the notions of academic-scientific literacies and textual genres from the perspective of Sociodiscursive Interactionism. The research results reveal the diversity of strategies and operations involved in the retextualization process and its complexity from an enunciative standpoint.

Keywords: Retextualization. Scientific dissemination. Podcast episodes. Colmeia Linguística. Literacies.

Resumem: Este trabalho forma parte del macroproyecto interinstitucional Laboratorio de Literacidades Académicas y Científicas (LILA), un proyecto que integra docencia, extensión e investigación, cuyo propósito es desarrollar acciones integradas a favor de las literacidades académicas y científicas. Una de sus vertientes es la divulgación científica, entendida como una herramienta para difundir conocimientos producidos por la ciencia a un público amplio, heterogéneo y lego, democratizando así el acceso al conocimiento científico. Para este estudio, se seleccionó una investigación en el área de la Lingüística Aplicada para ser retextualizada en un guion de episodio de pódcast para Colmeia Linguística, canal de divulgación científica del LILA, denominado en la investigación como “guion de episodio de contenido reutilizado para pódcast de divulgación científica” (RotDC). El objetivo es inferir los procesos movilizados en la retextualización de la disertación seleccionada para el RotDC, evidenciando estrategias y operaciones lingüísticas, discursivas y enunciativas realizadas en la (re)configuración de un texto escrito formal (disertación de maestría) en un texto escrito para ser oralizado, de carácter más informal (RotDC). Metodológicamente, el proyecto se orienta por los principios de la investigación cualitativa, de tipo participativo y documental. Se analizan como corpus: (1) la disertación de maestría de Oliveira (2023); y (2) la producción del RotDC “El internetês y su impacto en la escritura de los estudiantes”, elaborado con base en el modelo teórico propuesto por Braz y Cristovão (2023). El marco teórico se fundamenta en estudios sobre divulgación científica y retextualización, en la noción de literacidades académicas y científicas y de géneros textuales del Interaccionismo Sociodiscursivo. Los resultados de la investigación muestran la diversidad de estrategias y operaciones involucradas en el proceso de retextualización y su complejidad desde el punto de vista enunciativo.

Palabras clave: Retextualización. Divulgación científica. Episodios de pódcast. Colmeia Linguística. Alfabetizaciones.

Introdução⁴

Vivemos em um mundo em que o acesso a novas informações é facilitado pela internet, possibilitando o compartilhamento imediato de conteúdos de diversas naturezas: desde fofocas de pessoas famosas, notícias do mundo todo (sejam verídicas ou falsas – as famosas *fake news*), a resultados de pesquisas científicas. Entretanto, tais pesquisas, a depender da forma e meio de disseminação, mesmo disponibilizadas na *web*, não atingem a população em geral que, normalmente, não compreende a linguagem técnica utilizada por esses gêneros de texto (dissertações, teses e artigos científicos) e não tem domínio sobre conhecimentos especializados de uma área. É nesse sentido que há a necessidade de divulgar os saberes gerados pela ciência, resultados dessas pesquisas, de maneira mais didatizada, para que os não especialistas em um campo do saber tenham acesso a informações importantes para a vida em sociedade, geradas a partir de técnicas e métodos comprovados cientificamente. Ou seja, para que os saberes gerados pela ciência não fiquem restritos apenas aos pesquisadores da área.

Essa “popularização da ciência” é uma prática discursiva conhecida no meio acadêmico como *divulgação científica* (DC). Ela tem como objetivo, de forma geral, divulgar pesquisas produzidas no meio acadêmico-científico para destinatários não especializados. Ou seja, é um dos meios utilizados para propagar saberes produzidos pela ciência para o público em geral e heterogêneo, democratizando, assim, o acesso aos conhecimentos produzidos por essa esfera social.

É justamente sobre essa temática que se dedica este trabalho, que tem como objeto de análise um *roteiro de episódio de conteúdo reaproveitado para podcast de divulgação científica* (RotDC), produzido pela nossa pesquisa, a partir do modelo teórico apresentado por Braz e Cristovão (2023). As autoras, assim como nós, são pesquisadoras da rede LILA – Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos –, um projeto interinstitucional que integra ensino, pesquisa e extensão e é composto por investigadores de onze instituições públicas de ensino superior do Paraná. Os textos de DC gerados pelo LILA são publicados no canal Colmeia Linguística⁵, nas plataformas *Spotify* (*podcasts*) e *Youtube* (*vídeos*).

O RotDC analisado é produzido a partir da dissertação de mestrado intitulada *Influência da escrita digital em textos de alunos do ensino médio: o internetês em foco*, de Stela Fernandes Silva de Oliveira (2023). O objetivo é depreender processos mobilizados na retextualização (Marcuschi, 2010) da dissertação selecionada para o RotDC, evidenciando estratégias e operações linguísticas, discursivas

⁴ Agradecemos ao CNPq pela bolsa de iniciação científica concedida à segunda autora deste artigo, Ágata Carolyne Silva, a qual contribuiu para a realização desta pesquisa.

⁵ COLMEIA LINGUÍSTICA- *Spotify*: open.spotify.com/show/0d2jcQxcDev7j5ls1XIzMG?si=1e3fd7fdf53c4b45
CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

e enunciativas realizadas na (re)configuração de um texto escrito formal (dissertação de mestrado) para um texto escrito para ser oralizado, de caráter mais informal (RotDC).

A justificativa que move nossa pesquisa é a importância de se fazer DC em uma sociedade globalizada, com a intenção de proporcionar acesso, à população em geral, de conteúdos que não apenas tragam resultados de pesquisas, mas proporcionem reflexão sobre o que se pesquisa. Entendemos que a DC é uma importante ferramenta para desenvolver letramentos científicos na população em geral, contribuindo para a educação de qualidade, o quarto objetivo de desenvolvimento sustentável da ONU. Para isso, é importante compreender, do ponto de vista linguístico-discursivo-enunciativo, os processos de retextualização que são realizados para a (re)configuração textual e, conseqüentemente, genérica, no sentido de que novos gêneros são gerados, necessariamente, nas práticas de DC.

Para análise do RotDC, produzido com base no modelo teórico (Barros, 2012) elaborado por Braz e Cristovão (2023), apoiamo-nos em categorias de retextualização depreendidas pelos estudos de Marcuschi (2010). Para o artigo, além da exposição teórica sobre retextualização, trazemos um panorama sobre letramentos e suas ramificações conceituais, entre elas, a de letramentos acadêmico-científicos, assim como uma discussão sobre o conceito de divulgação científica. Por fim, fazemos a exposição da análise dos processos de retextualização envolvidos na passagem da dissertação selecionada como *corpus* de pesquisa para o RotDC produzido por nós e apresentamos nossas considerações finais.

Do letramento aos letramentos acadêmico-científicos

No Brasil, entre as décadas de 80 e 90, o conceito de alfabetização começou a sofrer ressignificações, visto que pesquisadores da área passaram a problematizar o processo de aquisição e uso da língua (Soares, 2014). Nessa perspectiva, surge o conceito de letramento, o qual, segundo Kleiman (1995), tem influência do termo inglês *literacy*, e origina-se como uma tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos tradicionais da alfabetização.

No que se refere à inserção do conceito de letramento no contexto brasileiro, é Kleiman (1995) que, pela primeira vez, traz uma definição, em uma coletânea voltada aos usos sociais da escrita. Nessa obra, a autora define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19).

No decorrer dos estudos sobre letramento, tal conceito passa a ser concebido de forma plural e múltipla. Disseminam-se, dessa forma, termos/expressões como “letramentos” (no plural)

e “letramentos múltiplos”, além de expressões adjetivadas – letramento literário, letramento escolar, letramento jornalístico –, dando ênfase à noção situada das práticas de uso da escrita. No entanto, o conceito de letramentos múltiplos é distinto do de multiletramentos criado pelo Grupo de Nova Londres (GNL) e disseminado no Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos (Cope; Kalantzis, 2000). Tal concepção foi difundida no Brasil pela pesquisadora Roxane Rojo, que apresenta a seguinte definição para o termo:

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** é bom enfatizar aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo, 2012, p. 13, grifos da autora).

Rojo (2012) explica que o conceito de multiletramentos surgiu justamente em razão da expansão, na contemporaneidade, dos usos múltiplos da língua/linguagem, seja do ponto de vista da multiplicidade semiótica e midiática como da cultural. Nesse contexto de estudos das práticas letradas situadas, iniciam-se pesquisas com foco nos letramentos acadêmicos, ou seja, os praticados nos meios universitários. O grupo de pesquisadores conhecido como *New Literacy Studies* é um dos expoentes nessa área. Lea e Street (2014), para fundamentar tais estudos, categorizam três modelos de letramentos em contexto universitário: a) modelo de habilidades de estudo; b) modelo de socialização acadêmica; c) modelo de letramentos acadêmicos.

O modelo de habilidades entende “a escrita e o letramento como habilidade individual e cognitiva” (Lea; Street, 2014, p. 479). Essa abordagem centra-se em dimensões formais e transversais da língua e “pressupõe que estudantes podem transferir seu conhecimento de escrita e letramento de um contexto para outro, sem quaisquer problemas” (Lea; Street, 2014, p. 479). O modelo de socialização acadêmica enfatiza as especificidades das disciplinas e dos temas, partindo dos discursos e gêneros que os estudantes dominam, são capazes de reproduzi-los sem quaisquer problemas. O terceiro modelo, de letramentos acadêmicos, agrupa os outros dois modelos e ainda vai além, não concebe as práticas de letramentos como restritas às disciplinas e temas, uma vez que dá ênfase, também, ao agenciamento como papel da linguagem no processo de aprendizagem; incorpora questões envolvendo ideologias, relações de poder, identidade etc. Tanto nas pesquisas dos autores como nas desenvolvidas no contexto brasileiro (Cristovão; Vieira, 2016; Oliveira, 2017) tem-se valorizado o terceiro modelo, o de letramentos acadêmicos, pelo entendimento que ele consegue, de forma geral, compreender melhor os sujeitos envolvidos nas práticas acadêmicas e sua relação com os letramentos. Melo e Cristovão (2021, p. 69) defendem que um dos principais

CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

propósitos dos letramentos acadêmicos “deve ser orientar e formar o aluno/a aluna enquanto cidadão crítico, para que seja capaz de analisar e desafiar forças superiores e opressoras em nossa sociedade, estando, desta forma, apto a lutar contra a ‘cultura do silêncio’ originalmente imposta”.

Muitos pesquisadores têm se dedicado exclusivamente aos estudos direcionados aos letramentos acadêmicos, compreendendo-os como práticas de uso da língua em contexto universitário, de forma desarticulada das práticas letradas focadas no fazer científico. Estas últimas, por sua vez, são tratadas no âmbito dos letramentos científicos (Motta-Roth, 2010; Oliveira; Magalhães, 2022). Por outro lado, há pesquisadores que, como nós (LILA), compreendem e abordam as duas vertentes de forma articulada e, muitas vezes, complementar (Cristovão; Vignoli, 2020).

Quanto aos letramentos científicos, Motta-Roth (2010, p. 13) ressalta que esses são importantes na “cultura científica-tecnológica da contemporaneidade, portanto torna-se importante examinar o modo como os discursos acerca da ciência e da tecnologia se dinamizam, se espalham, se atravessam em nossa vivência e na conformação de nossos modos de ser e pensar”. Mattos e Vargas (2023, p. 08), por sua vez, partem de uma concepção de letramentos científicos como “um conjunto de práticas sociais, atravessadas pela escrita, que envolvem o fazer científico e sua compreensão”. O letramento científico agrega, nessa perspectiva, práticas de linguagem e de domínio sobre o conhecimento considerado científico que têm como objetivo saber como se faz ciência, como propagam os textos que circulam nessa esfera e como esses discursos são legitimados. Para Oliveira e Magalhães (2022), tanto letramentos científicos quanto acadêmicos existem como práticas científicas, porém o acadêmico é mais abrangente no que se refere à leitura e produção textual nas universidades. As autoras ressaltam a importância da pesquisa na formação docente e a necessidade do desenvolvimento da dimensão científica na sua prática profissional.

No âmbito desta pesquisa, entendemos que os letramentos acadêmicos e científicos se articulam entre si e são complementares, na medida em que aproximam maneiras diferentes de produção e disseminação dos conhecimentos produzidos no meio acadêmico-científico. Para além dessa propagação científica entre pares, também há a necessidade da divulgação dos resultados das pesquisas científicas para um público não especializado, foco da seção seguinte.

Divulgação científica

Quando se escreve um artigo científico, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado (gêneros clássicos que publicizam os resultados das pesquisas científicas) tem-se, como público-leitor, normalmente, pesquisadores que são experts em uma determinada área do saber (os

pares) ou acadêmicos que estão estudando para se tornar pesquisadores ou se aprofundar no objeto investigado e/ou nos fundamentos teórico-metodológicos da investigação. Ou seja, a situação de comunicação prevê interlocutores que participam de uma mesma esfera social de comunicação. Nesse caso, tanto o domínio de produção como o de circulação dos gêneros é a esfera acadêmico-científica. Por esse motivo, essas produções ficam restritas ao campo científico, o que torna necessária sua “didatização” para que os resultados das pesquisas a elas vinculadas alcancem uma dimensão mais geral e plural e possam chegar a interlocutores externos ao mundo acadêmico e científico, mas importantes agentes sociais.

É nesse sentido que surge o fenômeno social da divulgação científica (DC), ou seja, da “popularização da ciência” – uma prática de linguagem que visa à difusão da ciência de maneira mais didatizada, de modo a alcançar uma população “comum”. A DC tem, de forma geral, o objetivo de transmitir conhecimentos científicos para um público mais amplo, não especializado, de maneira acessível. Essa prática assume grande importância no contexto contemporâneo, uma vez que o conhecimento científico está cada vez mais presente na vida cotidiana, e a democratização desse saber é fundamental para a construção de uma sociedade mais informada e, sobretudo, mais crítica. Para Albagli (1996, p. 396), a DC é necessária, pois proporciona à sociedade a oportunidade de ampliar “seu interesse e preocupação em melhor conhecer – e também controlar – o que se faz em ciência e o que dela resulta”.

Ao se aprofundar nos estudos sobre DC, alguns pesquisadores categorizam essa prática em diferentes “modelos”, levando em conta a situação de comunicação e, conseqüentemente, os interlocutores da ação de linguagem, mesmo que fundamentados em perspectivas teóricas distintas. Rojo (2008), por exemplo, assumindo uma perspectiva bakhtiniana, de fundo dialógico, diferencia o que denomina de *divulgação científica* (DC) de *jornalismo científico* (JC). A primeira prática é caracterizada pela produção feita por acadêmicos/cientistas de textos que “popularizam” a ciência para sujeitos não especialistas, de forma mais abrangente. No caso da DC, diferentemente das produções tradicionais do campo acadêmico-científico produzidas para os pares, temos uma assimetria contextual: a esfera de produção é a acadêmica-científica, mas a de circulação é o do cotidiano, ou como destaca a autora, uma esfera formada por pessoas em geral, sem levar em consideração a sua formação.

Já o JC, para Rojo (2008), é uma prática realizada por jornalistas como meio de disseminar a ciência, por meio de publicações próprias dessa esfera social – artigos jornalísticos, notícias, reportagens, etc. – e de suportes impressos e/ou virtuais: jornais, revistas, *blogs*, *sites* jornalísticos, entre outros. No JC, embora os textos-fonte (ou o conteúdo temático) sejam oriundos do meio científico, a esfera de produção é a jornalística. Como ressalta Rojo (2008, p. 593), o estilo dos

textos produzidos pelo JC “é diferente, pois há uma menor preocupação com o rigor científico, se comparado com o que acontece com os textos de divulgação científica”.

Assumindo a perspectiva da Análise do Discurso, Charaudeau (2016) tem uma visão que, em parte, se aproxima a de Rojo (2008), e por vezes, se distancia. O autor denomina de “discurso da mediatização da ciência” toda prática de produção discursiva perpassada pelas mídias que se utiliza do discurso da ciência não para traduzi-lo a leigos, mas como forma de “construção dependente dos procedimentos da encenação midiática” (Charaudeau, 2016, p. 556). O que o pesquisador rotula como “encenação” ou “contrato de comunicação” é equivalente, sem levarmos em conta preciosismos teóricos, ao que estamos denominando de “situação/contexto de produção”. Para compreendermos a prática de DC, na visão de Charaudeau (2016), temos que analisar o “contrato de comunicação” específico.

Nessa perspectiva, qualquer discurso midiático que intenciona (re)construir o discurso científico e possibilitar o seu acesso a um público não especializado é considerado um “discurso de mediatização da ciência”, o que vai dar especificidade discursiva é a situação de produção: a esfera de produção e circulação, os suportes, os objetivos da comunicação, os interlocutores, etc. Ou seja, um jornalista que populariza a ciência escrevendo artigos e reportagens para uma revista especializada em uma área específica como a História, por exemplo (ver Revista *Aventuras na História*⁶), não terá o mesmo objetivo e não escreverá da mesma forma que um pesquisador que divulga sua área de conhecimento em um *blog* científico. Na mesma linha teórica que Charaudeau (2016), Cataldi (2007, p. 163) posiciona-se da seguinte forma: a dimensão social dos saberes científicos recontextualiza a cada novo contexto de comunicação, “construindo discursos adequados à identidade dos interlocutores, às suas expectativas, às necessidades e aos interesses tanto cognitivos como comunicativos”.

Em seu texto, Charaudeau (2016) aborda três tipos de discurso: o científico, o midiático e o didático; para concluir que o discurso de mediatização da ciência se apropria de características dessas três instâncias discursivas. Por exemplo, tanto o discurso didático como o de DC buscam expor ao conhecimento do público-alvo fatos/saberes já estabelecidos, consolidados. É a situação específica de comunicação que vai colocar mais em evidência uma ou outra instância. Embora, nesta pesquisa, não trabalhem especificamente com a perspectiva de Charaudeau (2016), entendemos que a discussão trazida pelo autor é pertinente para a reflexão do fenômeno da DC no campo dos estudos da linguagem. Para este estudo, preferimos utilizar a linha teórica de Rojo (2008) e distinguir DC, produzida no âmbito acadêmico-científico, de JC, prática própria da esfera jornalística.

⁶ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/>
CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

Na contemporaneidade, a internet, por proporcionar acesso rápido a diversas informações, apresenta iniciativas para propagar temas/fatos da ciência. Essa divulgação pode acontecer por meio de *bloggers*, *vloggers*, *podcasters*, vídeos (em diversas plataformas), documentários, etc. Um exemplo é o canal Colmeia Linguística, organizado e gerido pelo LILA e composto por um grupo de pesquisadores da Linguística Aplicada. Outros exemplos de mídias de DC: o canal *Ciência todo dia*⁷, de Pedro Loos, que tem como foco de seus vídeos conteúdos sobre Física, Química, Filosofia e até mesmo História; o canal do professor Paulo Jubilut⁸, que didatiza conteúdos sobre Biologia; o de Débora Aladim⁹, formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais, que divulga em seu canal conteúdos de História em vídeo-minutos; o de Mari Kruger¹⁰, bióloga que, em suas redes sociais (*Instagram* e *X*) e em seu canal no *Youtube*, combate *fake news* na área da Saúde, por meio da prática de DC. Ou seja, com o advento da internet, a DC vem ganhando cada vez mais espaço, podendo alcançar um público mais amplo.

De acordo com Motta-Roth e Marcuzzo (2010), a prática da popularização da ciência é crucial para a sobrevivência da própria ciência, um bem à sociedade. Os autores enfatizam que o acesso aos saberes científicos deve estar disponibilizado, de forma acessível, para todos, de uma maneira democrática.

Retextualização: estratégias de passagem de um gênero de texto a outro

O conceito de retextualização, um fenômeno linguístico-discursivo muito comum nas práticas de produção de textos, é desenvolvido, *a priori*, por Marcurchi (2010 – primeira publicação em 2000), com foco, sobretudo, na reformulação de textos orais para textos escritos. Matencio (2002), por sua vez, generaliza o conceito e o define como a “produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base” (Matencio, 2002). É justamente nesse conceito que nos guiamos, mas buscando fundamentos nos estudos de Marcuschi (2010).

A fala e a escrita, para Marcuschi (2010), podem ser comparadas e relacionadas por serem meios de linguagem, mas não em termos de superioridade ou inferioridade: são dois meios alternativos de utilização da língua nas atividades sociocomunicativas. Para o autor, a retextualização é um “processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos [...]” (Marcuschi, 2010, p. 46), de diversas

⁷ Youtube: <http://www.youtube.com/@CienciaTodoDia>

⁸ Youtube: <http://www.youtube.com/@paulojubilut>

⁹ Youtube: <http://www.youtube.com/@deboraaladim>

¹⁰ Youtube: <http://www.youtube.com/@marikrugerb>

ordens, a depender não apenas da modalidade linguística de partida e a que se deseja chegar, do gênero-base ao novo gênero, mas também da situacionalidade envolvida no processo.

Marcuschi (2010, p. 47) chama a atenção para um fator sociocognitivo muito importante nesse processo: a compreensão do texto-fonte. Segundo o autor, “para se dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente compreender o que esse alguém disse ou quis dizer”. Ou seja, se um texto não é bem compreendido, com certeza, a sua transmutação para outro gênero ou modalidade não será bem sucedida do ponto de vista da interação.

Mesmo dando foco ao processo de retextualização da fala para a escrita, Marcuschi (2010) apresenta quatro possibilidades de realização desse fenômeno textual, expostas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Possibilidades de retextualização

1. Fala	→	Escrita (entrevista oral	→	entrevista impressa)
2. Fala	→	Fala (conferência	→	tradução simultânea)
3. Escrita	→	Fala (texto escrito	→	exposição oral)
4. Escrita	→	Escrita (texto escrito	→	resumo escrito)

Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Como pode-se observar no Quadro 1, Marcuschi (2010) trabalha apenas com as duas modalidades do texto verbal – fala e escrita. Entretanto, compreendemos que a retextualização também pode ser realizada levando em consideração outros modos, como o imagético, por exemplo, na passagem de um conto para uma história em quadrinho; ou o audiovisual, na transformação de um romance para um filme. No caso da nossa pesquisa, também há uma especificidade, pois na retextualização da dissertação de mestrado para o RotDC passa-se de um texto escrito para outro texto escrito, mas este segundo, embora seja expresso na modalidade escrita, é produzido para ser oralizado, ou seja, mescla, de ser forma, características dos dois modos.

No processo de retextualização, obrigatoriamente, ocorrem algumas operações linguístico-discursivas na medida em que o conteúdo temático de um texto é transportado para outro, de outra modalidade ou para outro gênero da mesma modalidade ou não. Sendo assim, ela implica, segundo Matêncio (2002), mudança de propósitos comunicativos. Há, pois, um “redimensionamento das projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais, dos conhecimentos partilhados, assim como o redimensionamento das motivações e intenções, de espaço e tempo, de produção/recepção” (Bazarim, 2020, p. 17).

Marcuschi (2010) elenca quatro variáveis que influenciam o processo de retextualização. A primeira delas diz respeito ao seu objetivo, que irá definir as decisões sobre a “manipulação” do conteúdo temático do texto-fonte e as estruturas que devem ser mantidas e/ou transformadas. A segunda variável está ligada à relação entre o agente-produtor do texto original e o retextualizador. Pode-se afirmar que essa relação se baseia em diferentes pressupostos, por exemplo, o fato de que, se o retextualizador for também o autor do texto original, ele terá mais liberdade para modificar tanto a forma quanto o conteúdo. A terceira variável diz respeito às implicações da tipificação genérica, uma vez que manter o gênero de texto original no processo de retextualização pode significar seguir uma infraestrutura já pressuposta, diferentemente quando o procedimento sugere a mudança do gênero. A última variável diz respeito às estratégias típicas de reformulação próprias de cada modalidade de linguagem. Resumidamente, essas variáveis parametrizam coercitivamente o processo comunicativo instaurado pelo “novo texto”, mas não o determinam, pois é possível prever que, em diferentes situações, esses fatores podem ter graus variados de interferência.

Marcuschi (2010) elenca nove operações implicadas na transformação de um texto falado para um escrito: 1) eliminação de marcas interacionais, 2) introdução de pontuação, 3) retirada de repetições e redundâncias, 4) paragrafação, 5) introdução de marcas metalinguísticas, 6) reconstrução de estruturas, 7) tratamento estilístico, 8) reordenação tópica e 9) agrupamento de argumentos. É com base nessas operações que conduzimos a nossa análise: selecionando as que são pertinentes ao processo de retextualização em foco e, evidentemente, tomando-as de forma inversa, uma vez trabalhamos com a reformulação de um texto formal escrito para um texto escrito para ser oralizado de maneira informal.

É importante destacar que retextualizar não é uma atividade simples, pelo contrário, demanda o domínio de, pelo menos, dois gêneros distintos (ou de estratégias próprias de modalidades diferentes de uso da linguagem), de capacidades cognitivas para interpretar e compreender o texto-base e de, a partir de um propósito comunicativo, (re)construir um texto em outra base textual-discursiva-enunciativa.

Metodologia da pesquisa

Como metodologia, a pesquisa se pauta na abordagem qualitativa (Flick, 2009) e nos preceitos da Linguística Aplicada. É uma pesquisa do tipo participante (Gil, 2014), uma vez que parte do *corpus* de análise é gerado pela própria pesquisa, na sua etapa preliminar. Quanto aos seus objetivos, fundamenta-se na análise documental (Gil, 2014).

O *corpus* da pesquisa divide-se em duas fontes: 1) coleta de dados – seleção da dissertação de mestrado de Oliveira (2023); 2) geração de dados – produção do RotDC, com base no modelo teórico (Barros, 2012) elaborado por Braz e Cristovão (2023), produzido a partir da dissertação de mestrado *Influência da escrita digital em textos de alunos do ensino médio: o internetês em foco*, da pesquisadora Stela Fernandes Silva de Oliveira (2023). Em síntese, o RotDC foi produzido em duas etapas. Na primeira, foram selecionados excertos para a retextualização; na segunda, com base no modelo de Braz e Cristovão (2023 – ver Figura 1), foi produzido uma primeira versão do texto, a qual passou por diversas revisões até chegar à etapa final que utilizamos em nossa análise (ver Apêndice A).

Figura 1 – Roteiro de conteúdo reaproveitado para mídias de *podcast*



Fonte: Braz e Cristovão (2023).

Para sistematizar a análise, apoiamo-nos nos estudos sobre retextualização, sobretudo, de Marcuschi (2010). Orientamo-nos, primeiramente, pelas quatro variáveis situacionais que agem coercitivamente no processo de retextualização, elencadas por Marcurchi (2010): 1) propósito da retextualização; 2) relação entre o produtor dos dois textos; 3) relação entre os gêneros de texto; 4) processos típicos da modalidade de linguagem retextualizada. Além disso, analisamos algumas operações linguístico-discursivas propostas pelo autor para a passagem de textos falados para textos escritos, tomando-as de forma inversa, uma vez que a transformação dos textos que compõem o nosso *corpus* parte de um texto escrito para outro escrito para ser oralizado.

Processos de retextualização na produção do RotDC

Como já exposto, o foco deste artigo é analisar processos de retextualização realizados na ação de linguagem destinada a produzir um RotDC, tendo como texto-base a dissertação de mestrado de Oliveira (2023). Para tanto, iniciamos nossa análise pela variável situacional 1 –

propósito da retextualização. Entendemos ser ela crucial para a análise, pois o propósito da produção do RotDC (Apêndice A) parametriza a sua infraestrutura e, consequentemente, os mecanismos de textualização e enunciativos mobilizados. O objetivo foi elaborar um RotDC, a princípio, para a mídia *podcast*, ou seja, um texto escrito, pensado para ser oralizado para o canal digital *Colmeia Linguística* gerenciado pela rede LILA. Esse canal é especializado na popularização da ciência linguística, sobretudo, as oriundas de pesquisa na subárea da Linguística Aplicada. Dessa forma, a seleção do texto-base e da sua temática levaram em consideração esse escopo. A dissertação de oliveira (2023) nos chamou a atenção pelo fato de se tratar de um tema atrativo para o público não especialista em estudos da linguagem – o internetês – e também ter como foco o ensino da língua portuguesa na Educação Básica, um dos campos de interesse da Linguística Aplicada.

Levando em consideração os parâmetros situacionais e a escolha do texto-fonte, a pesquisa precisou fazer delimitações do que seria relevante retextualizar para que o texto surtisse os propósitos almejados. O RotDC produzido concentrou-se, assim, na didatização da definição teórica de internetês trazida pela autora da dissertação e nos resultados empíricos da pesquisa, ou seja, focou em alguns pontos do aporte teórico que a pesquisadora apresenta em seu texto e, mais especificamente, na seção 3, em que a autora analisa os dados e discute os resultados da pesquisa.

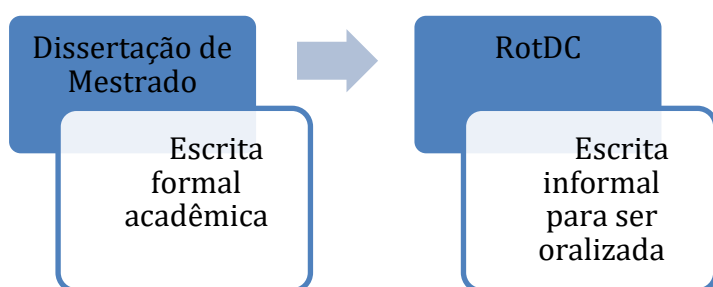
Sobre a segunda variável, Marcuschi (2010) chama a atenção para a importância da análise da relação do autor do texto original para o retextualizado, pensando que: a) o próprio autor do texto-base pode ser o autor do texto retextualizado; b) outra pessoa que não o próprio autor do texto original é o agente-produtor do texto retextualizado. Segundo o pesquisador, no primeiro caso, as mudanças realizadas entre os textos tendem a ser mais drásticas, já no segundo, normalmente, tem-se mais “respeito” pelo texto original, havendo menores mudanças no conteúdo, mesmo que haja mais intervenções na forma. Como nos valem do texto de um outro autor, nossa pesquisa se enquadra na opção “b”. A autora do texto-fonte é uma pesquisadora acadêmica, de Campo Grande-MS, que, na época da escrita do texto, estava realizando um mestrado na subárea de Linguística Aplicada. Os autores da retextualização são uma aluna de iniciação científica, bolsista do CNPq, que, na ocasião, estava realizando a sua pesquisa e, sua orientadora, uma doutora em Estudos da Linguagem. Entretanto, as duas instâncias enunciativas, mesmo partilhando o interesse pela mesma área de conhecimento, não têm nenhuma proximidade profissional. Nós até tentamos entrar em contato com a autora da dissertação para que ela desse a sua opinião sobre o RotDC, mas não fomos bem-sucedidas nessa tentativa.

No que tange à relação entre o gênero textual original e o gênero da retextualização (variável 3), assim como entre as suas modalidades linguísticas (variável 4), ressaltamos a grande

complexidade nas operações de retextualização implicadas na produção de um RotDC derivado de uma dissertação – texto que formaliza institucionalmente a conclusão de uma importantíssima etapa da pós-graduação *stricto sensu*: o mestrado. A dissertação é um gênero escrito a partir de um registro formal acadêmico, com uma densidade discursiva no desenvolvimento do seu conteúdo temático. É escrita para os pares acadêmicos, ou seja, não há uma assimetria na situacionalidade comunicativa: tanto a esfera de produção como de circulação é a acadêmico-científica. Tem uma infraestrutura, de certa forma, bastante rígida, e um grau de formalidade elevado.

Embora encontremos muitas produções da subárea da Linguística Aplicada na qual há implicação direta do agente-produtor, com uso da primeira pessoa do singular ou plural, a dissertação de Oliveira (2023) segue um padrão acadêmico mais tradicional, com o uso da terceira pessoa do singular. A dissertação é um texto relativamente extenso. No caso do texto em análise, tem 108 páginas. Já o RotDC é um gênero que pede um alto grau de informalidade, pois é planejado com base em um discurso didático (Chareadeau, 2016), para um público que, *a priori*, não domina o campo do saber científico de referência. Por isso, é um texto de pouca extensão, uma vez que o áudio do *podcast* precisa ter uma duração média de 10min. (ver Braz; Cristovão, 2023). Embora seja expresso na modalidade escrita, sua concepção prevê a sua oralização, ou seja, ele é uma ferramenta escrita para uma atividade oral. Nessa prática há uma assimetria contextual, uma vez que a esfera de produção é a acadêmico-científica e, a de circulação, a de popularização da ciência (ou do cotidiano). O agente-produtor (acadêmico-pesquisador), mesmo utilizando uma fala que se aproxima do seu interlocutor (um não especialista), mantém, do ponto de vista da cena enunciativa, uma hierarquia em relação a seu público, pois é ele que detém o conhecimento que está sendo divulgado – situação hierárquica própria do discurso didático (Chareadeau, 2016). A Figura 2 ilustra o processo de retextualização analisado.

Figura 2 – Processo de retextualização analisado



Fonte: as autoras.

Após contextualizar a ação linguageira realizada no processo de retextualização da dissertação para o RotDC, a partir das variáveis situacionais propostas por Marcuschi (2010), passamos a analisar alguns procedimentos realizados nesse processo, inspirados nas operações linguístico-discursivas apresentadas por Marcuschi (2010) para a passagem da fala para a escrita.

Como, no nosso caso, a retextualização é de uma escrita formal para uma escrita a ser oralizada, de forma geral, o trajeto por nós percorrido é, normalmente, inverso ao de Marcuschi (2010). A primeira categoria do autor diz respeito à eliminação de marcas interacionais. No nosso caso, é justamente o contrário: passamos de um *discurso teórico* (Bronckart, 2003), marcado pela ausência de dêiticos pessoais e espaço-temporais, para um *discurso interativo* (Bronckart, 2003), que busca recursos linguístico-discursivos para manter uma proximidade com o destinatário, implicando tanto o agente-produtor como o agente-ouvinte na textualidade. O quadro a seguir mostra alguns exemplos dessa retextualização discursiva.

Quadro 2 – Passagem do discurso teórico para o interativo

Dissertação: discurso teórico	RotDC: discurso interativo
<p>“Diante do exposto, <u>o presente estudo</u> tem como objetivo identificar a necessidade da utilização do internetês [...]” (p. 17).</p> <p>“<u>Esta pesquisa</u> tem como aporte a Sociolinguística Variacionista, que tem como precursor o linguista <u>William Labov [1972] (2008)</u>, visto <u>que</u> é possível considerar o internetês uma variação linguística” (p.17).</p> <p>“Assim <u>espera-se</u> que essa pesquisa traga contribuições relevantes [...]” (p.17).</p>	<p>Olá, abelhinhas! Bem-vindos de volta à <u>Colmeia Linguística</u>, como estão <u>depois de alguns meses</u> sem uma postagem? [...] <u>Eu me chamo Ágata Silva</u>, sou aluna de Letras [...] <u>Faço</u> Iniciação Científica em Linguística Aplicada, e assim como a Bruna, <u>you falar com vocês um pouco sobre linguística</u>, mas de uma maneira bem acessível! [...] E já começo o episódio de <u>hoje</u> lançando algumas perguntas. [...] <u>Podemos</u> pensar a forma como usamos a língua da mesma forma que usamos uma roupa. <u>Você</u> usaria um terno ou um vestido longo para ir à <u>praia</u>? Ou um biquíni para ir ao <u>trabalho</u>?</p>

Fonte: as autoras.

Na análise de alguns trechos da introdução dos dois textos já é possível visualizar o processo de retextualização, na passagem do discurso teórico para o interativo. Na dissertação, o nome do emissor aparece apenas formalmente, na capa e folha de rosto do trabalho, e não há no texto nenhuma implicação ao enunciador do texto: as ações são imputadas ao próprio texto/pesquisa/estudo (*Esta pesquisa tem...*) ou a uma entidade genérica, com o recurso da terceira pessoa do singular (*espera-se*). O texto segue esse mesmo padrão acadêmico para a apresentação do objetivo do texto, da fundamentação teórica, etc., como podemos visualizar pelo Quadro 2. Além disso, é comum fundamentar o discurso em outras vozes (*Labov*, no nosso exemplo). No RotDC a interatividade dá o tom para o discurso: orações exclamativas; saudações que implicam diretamente o interlocutor; uso de pronome com valor de segunda pessoal (você) para se reportar ao ouvinte do *podcast*; explicitação do emissor (*Eu me chamo Ágata...*); dêitico pessoal, com uso da CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

primeira pessoa do singular; dêitico temporal (*hoje*); uso do recurso da pergunta retórica (feita não para ser respondida, mas para, de certa forma, afirmar algo, implicando o outro, pois é como se esse o ouvinte respondesse, confirmando o que se quer comunicar).

A essa transposição de um discurso teórico a um interativo, soma-se, também, a passagem de tom neutro a um tom mais emotivo. O RotDC busca a proximidade e a identificação com o possível ouvinte do episódio do *podcast*, gênero que tem, no seu plano textual global, a necessidade de passar algumas informações metadiscursivas que remetem à própria ação de linguagem, como o nome do autor do episódio. Além disso o agente-produtor precisa lançar mão de estratégias para que o ouvinte se torne um “consumidor” do canal (ver exemplos, Apêndice A).

Uma categoria trazida por Marcuschi (2010) é a inserção de pontuação no texto escrito, já que aborda a passagem da fala para a escrita. No processo analisado por nós, pelo fato de a escrita do RotDC tentar se aproximar da oralidade, uma vez que foi escrito para ser oralizado, a pontuação, como vimos nos exemplos do Quadro 2, busca, justamente, expressar a prosódia esperada para a ação linguageira final – produção oral do episódio de DC para um *podcast*. Assim, os sinais de exclamação, interrogação e reticências são bastante explorados (ver Apêndice A), diferentemente do que acontece na dissertação, em que a pontuação predominante são o ponto final e a vírgula.

Outra operação elencada por Marcuschi (2010) é a eliminação de repetições, redundâncias, paráfrases. Como estamos indo em direção oposta, para a produção do RotDC as repetições e paráfrases explicativas são fundamentais para dar o tom didático do discurso (Charaudeau, 2016) e não se distanciar muito da prática da oralidade, uma vez que o texto foi escrito para a oralização. O exemplo a seguir mostra como a repetição e a redundância com valor explicativo (uso do *ou seja*) tornam-se importantes para a compreensão da fala do ouvinte do *podcast*.

Podemos pensar a forma como usamos a língua da mesma forma que usamos uma roupa. [...] A forma como falamos ou escrevemos também se ajusta a um certo contexto, ou seja, usamos uma roupagem diferente para cada situação de comunicação, dependendo dos objetivos, do tipo de texto, para quem falamos/escrevemos, etc. (Apêndice A – grifos para a análise).

Marcuschi (2010) elenca, como uma das operações de retextualização, o tratamento estilístico, com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas. Na retextualização da dissertação para o RotDC, passamos, como já salientamos, de um discurso teórico, na modalidade escrita acadêmico-formal, para um discurso interativo, na modalidade escrita informal a ser oralizada. Dessa forma, foi preciso, primeiramente, compreender bem o texto-base (ver Matêncio, 2002), que tem um alto grau informativo, uma densidade teórico-científica, ou seja, o conteúdo temático é manipulado a partir de um método científico e os resultados apresentados conforme um padrão acadêmico. Em seguida, entender o gênero RotDC, o que é o canal *Colmeia Linguística* (meio de divulgação do *podcast*), seus objetivos, público-alvo, para selecionar as informações relevantes (para CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

um áudio de aproximadamente 10min.) e o melhor estilo linguístico-discursivo para a DC. Assim, para a produção do RotDC, o conteúdo precisou ser simplificado e condensado, para que alcançasse o seu objetivo didático, como meio de popularização da ciência. O Quadro 3, a seguir, mostra algumas das operações realizadas.

Quadro 3 – Exemplos de operações de tratamento estilístico

Operações de tratamento estilístico	Dissertação de Oliveira (2023)	RotDC “O Internetês e seu impacto na escrita do aluno” (Apêndice A)
Eliminação de termos técnicos / acadêmicos	“Internetês é um neologismo” (p. 16). “forma de expressão grafolinguística” (p.16). “Esta forma de se comunicar reúne aspectos de ordem alfabética, semiótica, morfológica, lexical, ortográfica e especialmente logográfica” (p. 30).	“forma que os internautas criaram para trocar mensagens escritas”
Definição conceitual didatizada, por meio de perguntas retóricas, analogias com o cotidiano, implicação conjunta dos interlocutores (uso do pronome pessoal “nós”)	“Internetês é um neologismo (de: internet + sufixo ês) que designa a linguagem utilizada no meio virtual, em que ‘as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem numa única expressão, duas ou no máximo três letras’, onde há ‘um desmoronamento da pontuação e da acentuação’, pelo uso da fonética em detrimento da etimologia, com uso restrito de caracteres e desrespeito às normas gramaticais. Para alguns investigadores, o internetês é uma ‘forma de expressão grafolinguística [que] explodiu principalmente entre adolescentes que passam horas em frente do computador [...]’ (PATRÍCIA, 2009, p. 16)” (p.16).	Vocês acham errado escrever abreviações como “vc”, “pq”, ou repetição de letras nas palavras como em “muuuuitoouoo”, para mandar mensagens a colegas pelo whatsapp? Sabiam também que esse tipo de escrita tem um nome? [...] Você usaria um terno ou um vestido longo para ir à praia? Ou um biquíni para ir ao trabalho? [...] Então, quando trocamos mensagens escritas com amigos pelo whatsapp, por exemplo, normalmente, estamos mais preocupados com a agilidade da comunicação do que com o uso formal dessa escrita, por isso costumamos, entre outras coisas, abreviar ou reduzir algumas palavras, acrescentar letras para dar ênfase no que queremos dizer, e não nos importamos com erros ortográficos ou gramaticais. Isso é o que chamamos de internetês. Agora se alguém perguntar pra você o que é internetês você já sabe. Ele é a forma que os internautas criaram para trocar mensagens escritas em plataformas virtuais de bate-papos, de maneira mais rápida e informal, criando uma forma própria de escrever [...].
Inserção de exemplos do cotidiano, indo além do “informado” pelo texto-base	“[...] escrita produzida no ciberespaço não é responsável por degenerar e empobrecer a língua, ela reforça a heterogeneidade de que a língua está viva e possibilita aos falantes inovarem para se comunicarem [...]” (p. 33).	Mas não se engane pensando que usamos o internetês toda vez que utilizamos a internet. Se vamos mandar um e-mail para alguém do ambiente de trabalho ou reclamar formalmente de uma empresa em site como o RECLAME AQUI, pelo contexto mais formal, temos que seguir a norma padrão da escrita [...]. Isso é importante: sempre precisamos moldar a nossa fala e escrita de acordo com a situação de comunicação.

Fonte: as autoras.

O RotDC produzido consegue transformar, assim, um conteúdo denso, com várias terminologias técnicas, de forma simplificada e ainda com exemplos que permitem ao ouvinte do *podcast* compreender melhor o que é o internetês e os resultados da pesquisa de Oliveira (2023). Ou seja, o conteúdo ainda é o mesmo, mas apresentado de uma forma mais didática, interativa. O exemplo, a seguir, mostra a forma condensada, com uma sintaxe simples, utilizada para introduzir a pesquisa-fonte:

O internetês é um assunto que está sendo investigado por vários pesquisadores. Ele chamou a atenção da Stela Fernandes, uma pesquisadora que realizou um estudo de Mestrado chamado “INFLUÊNCIA DA ESCRITA DIGITAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO – O INTERNETÊS EM FOCO”.

Nele, Stela analisa se o uso do internetês fora da sala de aula prejudica ou não a aprendizagem da escrita formal dos alunos. Para isso, ela observou algumas redações escolares, mensagens informais de Whatsapp e respostas a um questionário sobre o internetês (Apêndice A).

O trecho a seguir mostra o processo de didatização e, conseqüentemente, simplificação linguística, com a eliminação de termos técnicos/teóricos, para falar sobre a Sociolinguística Variacionista, corrente teórica que fundamenta a pesquisa de Oliveira (2023):

Vou trazer uma curiosidade para vocês: a área que estuda o internetês e outras variações linguísticas é a Sociolinguística variacionista. Calma, não precisa assustar que vou explicar por partes. Vamos começar com a palavra sociolinguística, a primeira parte “socio” vem de sociedade, a “linguística” refere-se ao estudo científico da linguagem, incluindo sua estrutura, uso, desenvolvimento e variações. O “variacionista” estuda todas essas variações da língua. Então se juntarmos essas duas palavras temos a “sociolinguística variacionista” que estuda a língua de acordo com o contexto situacional, essa abordagem analisa como fatores sociais, como classe social, idade, gênero, etnia e contexto geográfico, influenciam a maneira como as pessoas falam (Apêndice A).

Como já mencionamos, o objetivo dessa análise não foi esgotar todas as estratégias e operações realizadas no processo de retextualização da dissertação de Oliveira (2023) para o RotDC “O Internetês e seu impacto na escrita do aluno”, mas discutir algumas mais evidentes nesse processo.

Considerações finais

Este trabalho, vinculado aos estudos sobre letramentos-acadêmicos e DC, filiado ao macroprojeto LILA, partiu da afirmação da importância do acesso didatizado às pesquisas produzidas pela academia. Sendo assim, propusemo-nos a elaborar um episódio de *podcast* de DC para o canal *Colmeia Linguística*, especializado na divulgação de pesquisas do campo dos Estudos da Linguagem. Para tanto, foi necessário, antes, produzir um RotDC, ou seja, um roteiro escrito do episódio para ser oralizado. A seleção do texto-fonte levou em consideração pesquisas desenvolvidas na área da Linguística Aplicada, produzidas nos últimos três anos, cujo tema fosse

de interesse do público não especializado e de relevância para a sociedade atual. A partir desses critérios, selecionamos a dissertação de mestrado de Oliveira (2023), que teve como objetivo geral definir o internetês como uma variedade linguística e analisar sua influência na escrita de alunos da Educação Básica.

Para este artigo, apresentamos resultados de uma análise cujo propósito foi depreender estratégias linguísticas, discursivas e enunciativas implicadas na transformação da dissertação de Oliveira (2023) na versão final do RotDC “O Internetês e seu impacto na escrita do aluno”, com suporte dos estudos sobre retextualização, sobretudo, nas variáveis situacionais e em adaptações das operações propostas por Marcuschi (2010).

Como destaca Charadeau (2016), cada situação envolvendo a DC deve ser analisada a partir dos parâmetros contextuais implicados no que o autor chama de contrato da comunicação. A partir da análise do *corpus* selecionado, verificamos que os processos de retextualização envolvidos na passagem da dissertação de Oliveira (2023) para o RotDC são específicos desse contexto enunciativo: transformação de um texto escrito formal, com teor acadêmico-científico, para um texto escrito para ser oralizado, com registro informal e teor didático (DC). Quanto às variáveis situacionais analisadas, destacamos a complexidade na transformação de um gênero acadêmico-científico denso, como a dissertação de mestrado, para um gênero que, mesmo abordando conteúdos tratados cientificamente, tem de manter uma aproximação com o seu destinatário, por meio de um tom discursivo leve, informal, mas que passe credibilidade. Para tanto, o retextualizador precisa realizar diversas operações, como: pontuação que expresse a prosódia de uma oralidade com tom didático e “cativante”; substituição de termos técnicos/teóricos por um vocabulário mais acessível; transformação do discurso teórico para o discurso interativo; inserção de exemplos do cotidiano; uso de perguntas retóricas; etc.

Para além de mapear exaustivamente as operações e estratégias realizadas no processo de retextualização analisado, procuramos, neste artigo, mostrar a complexidade da ação languageira. Além disso, ao considerarmos a retextualização como um processo que abrange também a reformulação entre gêneros (Matêncio, 2002), ampliamos o seu potencial como atividade didática ancorada na concepção de língua como prática social situada e dialógica, em que os textos são reapropriados e ressignificados constantemente.

Referências

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

BARROS, Eliana Merlin Deganutti. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, Dourados-MS, v. 6, n. 11, p. 11 - 35, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/1687>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BAZARIM, Milena. Revisitando os conceitos de reescrita, refacção e retextualização a partir de um estudo de caso. **Revista Trem de Letras**, Alfenas, MG, v. 7, n.2, p. 1-25, e020018, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/670>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRAZ, Bruna Oliveira; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Análise de produções textuais multimodais de divulgação científica das ciências da linguagem. **Entrepalavras**, v. 13, n. 2, p.111-129, mai./ago. 2023. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2664>. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

CATALDI, Cristiane. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. *In*: GOMES, Maria Carmen A.; MELO, Mônica Santos de S.; CATALDI, Cristiane. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa-MG, Editora UFV, 2007. p. 155-164.

CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua midiaticização. **Calidoscópio**, v. 14, n. 3, p. 550-556, set/dez 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.18>. Acesso em: 20 fev. 2025.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. A pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.) **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2000. p. 9-37.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; VIEIRA, Isabela Rodrigues. Letramentos em língua portuguesa e inglesa na educação superior brasileira: marcos e perspectivas. **Ilha do Desterro**, v. 69, n. 3, p. 209-221, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n3p209>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; VIGNOLI, Jacqueline Costa Sanches. Ações de Didatização de Gêneros em prol de Letramentos Acadêmicos: práticas e demandas. **Horizontes**, v. 38, n.1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v38i1.869>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Trad. Roberto C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, Angela (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul. dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p477-493>. Acesso em: 07 fev. 2025.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividade de (Re) textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/genero-resumo.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MATOS, Christiane Sheyla Magalhães de; VARGAS, Diego da Silva. Letramento Científico na Educação de Jovens e Adultos: Reflexões e Práticas a Partir da Pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 23, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2023u213240>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MELO, Ana Beatriz Ruiz de; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Letramentos ideológicos e acadêmicos justapostos. **Travessias Interativas**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 24, p. 68–87, jul.-dez./2021. Disponível em: . Acesso em: 13 fev. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/17018/12461>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MOTTA-ROTH, Désirée; MARCUZZO, Patrícia. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982010000300002>. Acesso em: 10 fev. 2025.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Os estudos dos letramentos acadêmicos no Brasil: Influências, origens e perspectivas. **Revista DisSol**, Pouso Alegre, n. 5, p. 89-101, 2017. Disponível em: <https://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/167>. Acesso em: 12 fev. 2025.

OLIVEIRA, Stela Fernandes Silva de. **Influência da escrita digital em textos de alunos do ensino médio**: o internetês em foco. Dissertação (Mestrado em Letras). Campo Grande, MS: UEMS, 2023. Disponível em: <https://www.uems.br/ppg/ppgletras/Banco-de-Dissertacoes>. Acesso em 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, Luís Carlos; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Uma análise do Fundo de Apoio à Pesquisa em Educação Básica (FAPEB) na perspectiva do letramento científico. **Revista Interfaces**, v. 13, n. 2, p. 209-227, 2022. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7142/5215. Acesso em 13 fev. 2025.

ROJO, Roxane. O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (dis)curso**, v. 8, n. 3, 2008, p. 81-612. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1518-76322008000300009>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

CLARABOIA, n.23, p. 11-33, Jan./Jul. 2025. ISSN: 2357-9234

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda B. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

Apêndice A – RotDC “O Internetês e seu impacto na escrita do estudante”

Olá, abelhinhas!

Bem-vindas de volta à Colmeia Linguística, como estão depois de alguns meses sem uma postagem?

Vocês devem estar estranhando a voz, mas calma que eu explico.

Eu me chamo Ágata Silva, sou aluna de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná, ou como chamamos carinhosamente, UENP. Faço Iniciação Científica em Linguística Aplicada, e assim como a Bruna, vou falar com vocês um pouco sobre linguística, mas de uma maneira bem acessível!

E já começo o episódio de hoje lançando algumas perguntas.

Vocês acham errado escrever abreviações como “vc”, “pq”, ou repetição de letras nas palavras como em “muuuuuuuuuuu”, para mandar mensagens a colegas pelo *whatsapp*? Sabiam também que esse tipo de escrita tem um nome? Se você está ouvindo a gente pelo *youtube*, escreve aí nos comentários, se for pelo *spotify*, manda um *email* pra gente, tá lá na descrição junto com as referências em ambas as plataformas.

Podemos pensar a forma como usamos a língua da mesma forma que usamos uma roupa. Você usaria um terno ou um vestido longo para ir à praia? Ou um biquíni para ir ao trabalho?

A forma como falamos ou escrevemos também se ajusta a um certo contexto, ou seja, usamos uma roupagem diferente para cada situação de comunicação, dependendo dos objetivos, do tipo de texto, para quem falamos/escrevemos, etc. Então, quando trocamos mensagens escritas com amigos pelo *whatsapp*, por exemplo, normalmente, estamos mais preocupados com a agilidade da comunicação do que com o uso formal dessa escrita, por isso costumamos, entre outras coisas, abreviar ou reduzir algumas palavras, acrescentar letras para dar ênfase no que queremos dizer, e não nos importamos com erros ortográficos ou gramaticais. Isso é o que chamamos de internetês.

Agora se alguém perguntar pra você o que é internetês você já sabe. Ele é a forma que os internautas criaram para trocar mensagens escritas em plataformas virtuais de bate-papos, de maneira mais rápida e informal, criando uma forma própria de escrever, por exemplo:

Abreviando letras: pq, vc, obrgd, qlq, blz

Trocando letras: aki, naum, bixo

Acrescentando letras: oiuiiii, goooosto, muuuuuuuuu, neh

Criando formas de representar sons: kkk, rs, hehe, hihi

Conseguem pensar em mais alguns exemplos? Se sim, já sabem, né? comenta aqui, que ficaremos muito felizes em ler. Muitas dessas formas se popularizaram e passaram a ser utilizadas, inclusive em postagens de redes sociais, como o vc. Mas não se engane pensando que usamos o internetês toda vez que utilizamos a internet. Se vamos mandar um e-mail para alguém do ambiente de trabalho ou reclamar formalmente de uma empresa em site como o RECLAME AQUI, pelo contexto mais formal, temos que seguir a norma padrão da escrita, ou seja, o internetês é uma roupa que vestimos em certas ocasiões de troca de mensagens mais informais.

Isso é importante: sempre precisamos moldar a nossa fala e escrita de acordo com a situação de comunicação.

Vou trazer uma curiosidade para vocês: a área que estuda o internetês e outras variações linguísticas é a Sociolinguística variacionista. Calma, não precisa assustar que vou explicar por partes. Vamos começar com a palavra sociolinguística, a primeira parte “socio” vem de sociedade, a “linguística” refere-se ao estudo científico da linguagem, incluindo sua estrutura, uso, desenvolvimento e variações. O “variacionista” estuda todas essas variações da língua. Então se juntarmos essas duas palavras temos a “sociolinguística variacionista” que estuda a língua de acordo com o contexto situacional, essa abordagem analisa como fatores sociais, como classe social, idade, gênero, etnia e contexto geográfico, influenciam a maneira como as pessoas falam.

Aqui no Brasil temos dois estudiosos muito importantes para a sociolinguística variacionista, o Marcos Bagno e o Carlos Alberto Faraco.

O internetês é um assunto que está sendo investigado por vários pesquisadores e chamou a atenção da Stela Fernandes Silva de Oliveira, uma pesquisadora da que realizou um estudo de Mestrado chamado “INFLUÊNCIA DA ESCRITA DIGITAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO – O INTERNETÊS EM FOCO”.

A Bruna já explicou em outro episódio que o currículo lattes é nossa identidade enquanto acadêmicos, se você procurar o perfil da Stela vai achar que ela é Graduada em Letras Habilitação Português/Espanhol na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) de Dourados em 2020. Bolsista PIBID na Escola Estadual Presidente Vargas em 2017. Bolsista PIBIC em 2018-2019 e 2019-2020 (bolsista CNPq). Bolsista PIBAP (2021-2023). Mestre em letras pelo Programa de Mestrado em Letras da UEMS/Campo Grande (2023). Foi neste mestrado que ela desenvolveu a pesquisa orientada pela Dra. Elza Sabino da Silva Bueno que estamos falando hoje.

Nele Stela analisa se o uso do internetês, fora da sala de aula, prejudica ou não a aprendizagem da escrita formal dos alunos, por meio da observação da produção de redações escolares e mensagens informais de *Whatsapp* e da análise de respostas a um questionário sobre o internetês.

Como resultado, Stela observou que mesmo que os alunos cometeram sim alguns desvios na escrita formal, algumas vezes usando o internetês, de forma geral, os estudantes sabem diferenciar a escrita informal da internet da escrita formal que é utilizada na escola. Dessa forma, em produções escolares é necessário usar uma linguagem mais formal, mas que também é importante que os alunos aprendam outras formas de usar a língua para que possam se adaptar de acordo com a situação de comunicação. E que não precisamos nos preocupar com o internetês como uma ameaça ao aprendizado da língua portuguesa porque os alunos têm noção de que o internetês deve ser usado somente em ambiente virtual e em situações informais. Mas não podemos esquecer que é importante o professor trabalhar essas questões em sala de aula.

A Stela vai pontuar que é na escola que o estudante vai poder aprender como usar a língua de diversas formas, que é o que falamos da roupaagem.

Ensinar ao aluno o uso adequado e situacional da língua, como em uma entrevista de emprego, qual linguagem eu devo usar? a informal? a formal?

Então toda situação exige que usemos uma roupa assim como uma linguagem mais adequada.

Nesse processo, o estudante é o papel fundamental, mas vocês sabem quem é a outra figura de importância? Comenta aí nos comentários!

Se você pensou no professor, está certo, porque é o professor que nessa prática social o professor tem papel fundamental para orientar o aluno, para que ele saiba que a língua muda de acordo com a situação comunicacional, que falei no começo do vídeo, vocês lembram? A língua é como uma roupa.

É nesse processo de aprendizagem que o professor vai ensinar com que o aluno tome consciência que a língua é diversificada e possibilitar que o estudante tenha criticidade para ver o mundo.

Por isso, é importante que na sala de aula o professor tenha possibilidades de trabalhar, como por exemplo, o internetês, porque os estudantes estão em diversos momentos trocando mensagens e usando redes sociais e isso pode ou não interferir na forma como os alunos escrevem em contextos mais formais.

Nas conclusões finais a autora reforça a importância de o professor possibilitar ao aluno a reflexão sobre o uso das diversas variedades da língua, entre elas, o internetês, uma forma de usar a língua em ambientes digitais informais, que está presente no dia a dia de todos nós.

E para finalizar, abelhinhas, todos os textos originais utilizados para a produção desse episódio estarão disponíveis na descrição (do *spotify* ou do *youtube*, dependendo de onde você estiver nos acompanhando), em um documento chamado “Referências”. Não esqueça de conferi-las!